

A ideia de letramento discursivizada em enunciados: um gesto de leitura

Jakeline A. SEMECHECHEM¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um gesto de leitura e descrição da ideia de letramento produzida em enunciados de pessoas de um município no interior do Paraná, sul do Brasil. Para o gesto de leitura e descrição dos enunciados que compõem a série enunciativa, foram adotados conceitos do método arqueológico e de desdobramentos cunhados a partir desse método. O gesto de leitura mostra que a ideia de letramento produzida é de letramento relacionado à escolarização, associado à titulação acadêmica e como ascensão social. A produção dessa ideia de letramento é perpassada pelo saber científico e pelo saber religioso que são evocados por enunciados coexistentes e pelo efeito de memória. Ainda esses enunciados evocados de um já dito apontam para a coexistência de enunciados que referenciam o entrelaçamento da ideia de letramento com o campo religioso.

Palavras-chave: Letramento; Função enunciativa; Memória discursiva.

Abstract: This article aims to present a gesture of reading and description of the idea of social literacy that have been produced in utterances of people of a town in Paraná state, South of Brazil. For the gesture of reading and description of utterances we adopted concepts of archaeological method and other studies that are based in this method. The gesture of reading shows that the idea of social literacy produced is the social literacy associate with schooling, academic title and social mobility. The production of this idea of social literacy is permeated by scientific knowledge and the religious knowledge that are evoked by concurrent utterances and the discursive memory. Although these utterances are evoked of previously way and be mentioned by itself, these utterances point to the coexistence of utterances that do the reference the entanglement of the idea of social literacy and religious field.

Keywords: Social literacy; Enunciative function; Discursive memory.

Introdução

Pesquisas têm discutido e tratado da definição de letramento, palavra traduzida do inglês "literacy" e que passou a ser usada no Brasil na metade dos anos 1980 nos discursos de especialistas da área de linguagem, com uma das primeiras ocorrências do termo no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* de Mary Kato (SOARES, 2004). De acordo com Soares (2004), a palavra "literacy" etimologicamente vem do latim "littera" (letra), com o sufixo "cy", que denota qualidade, condição, estado e fato de ser, sendo definido, no *Webster's Dictionary*, como condição de ser "literate", termo o qual é definido como educado, especialmente, capaz de ler e escrever,

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e mestre em Letras pela mesma universidade. Maringá, Paraná. Correio eletrônico: jasemechechem@yahoo.com.br.

culminando, assim, na definição de letramento como “estado ou condição daquele que aprende ler e escrever” (SOARES, 2004, p. 17).

No discurso acadêmico, têm sido discutidas e apresentadas novas definições e significações para a palavra letramento. Essa produção de novos conceitos para letramento vai desde letramento em termos cognitivos de habilidades de leitura e de escrita (SOARES, 2004) a letramento como prática social de leitura e escrita (KLEIMAN, 1995; STREET, 2010).

Ainda há novas formulações a partir desse conceito, novas palavras são criadas e novos conceitos são cunhados, por exemplo, multiletramento, letramento digital, letramento multilíngue etc., caracterizando-se, assim, “letramento” como uma palavra com muitos neologismos, como destaca Marinho (2010).

Produções acadêmicas continuamente têm focado o letramento. Além da preocupação em conceituar letramento, são emergentes estudos que enfocam como descrever o letramento, em termos de práticas sociais de leitura e de escrita (KLEIMAN, 1995), ou, ainda, como desenvolver o letramento (KLEIMAN, 1995; ROJO, 1998; SOARES, 2004).

Neste estudo, nosso foco, diferentemente de conceituar letramento, de descrever como ocorre o letramento ou ainda enfatizar como desenvolvê-lo, é verificar como a ideia de letramento é produzida em enunciados de pessoas de um município localizado no centro-sul do estado do Paraná², sul do Brasil. Desse modo, este artigo busca apresentar, em um gesto de leitura e descrição, como é construída a ideia de letramento nesse contexto. Para esse gesto de leitura, adotaremos conceitos do método arqueológico de Foucault (2007) e de desdobramentos cunhados a partir desse método, uma vez que, conforme Araújo (2008), o método arqueológico focaliza as práticas discursivas que formam o saber de uma época, os arquivos, ou seja, os enunciados ditos e o funcionamento dos discursos, o que não significa “tratar dos discursos que articulam o que nós pensamos, dizemos e fazemos, como tantos outros acontecimentos” (ARAÚJO, 2008, p. 57).

Nessa perspectiva, organizamos o artigo da seguinte maneira: na primeira parte, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos, o conceito de enunciado - por ser fundamental para o discurso no

2 Para preservar a identidade do município, este será referenciado por pseudônimo, assim como os participantes que têm seus enunciados citados neste texto.

exercício da função enunciativa - e o conceito de memória discursiva em articulação ao domínio associado. Na segunda parte, apresentamos o gesto de leitura e descrição dos enunciados e, por fim, as considerações finais.

Pressupostos teórico-metodológicos

Discurso, de acordo com Foucault (2007), não deve ser considerado como um conjunto de signos que remetem a conteúdos ou representações, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam, ou seja, práticas discursivas, um conjunto de enunciados regulados por uma dada formação discursiva³.

Ao considerar que o discurso é um conjunto de enunciados apoiados na mesma formação discursiva, o conceito de enunciado é fundamental. Por isso, passamos a discutir o que pode ser tomado por enunciado, isto é, o que Foucault postula na arqueologia como enunciado que, em conjunto, em uma mesma formação discursiva, constitui um discurso.

Para Foucault (2007), o que caracteriza um enunciado não é uma proposição, frase ou ato de linguagem. Primeiramente, o enunciado não é uma proposição, pois está no plano do discurso e não pode ser submetido às provas de verdadeiro/falso.

Segundo, um enunciado não é equivalente a uma frase e não está submetido a uma estrutura linguística canônica, conforme cita Gregolin (2004), estrutura que, no português, envolve a sequência sujeito-verbo-predicado, pois uma fórmula algébrica, uma pirâmide etc. é constituída de enunciados formados por regras de construção diferentes das frases. Assim, um enunciado não é definido pelos caracteres gramaticais da frase (FOUCAULT, 2007), ou seja, para caracterizar um enunciado, não basta uma construção linguística (ARAÚJO, 2008).

Ainda, um enunciado não pode ser resumido a um ato de linguagem, como destacado por Foucault, mencionado por Gregolin (2004), embora o enunciado pareça, em um primeiro momento, mais próximo dos atos de linguagem, pois ele não propõe procurar o

³ Para definir formação discursiva, tomemos a seguinte citação de Foucault (2007, p. 43): "No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade [...], diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva".

ato material de ler ou escrever, ou a intenção do indivíduo que está realizando o ato, ou o resultado obtido.

Nesse sentido,

o enunciado foge à conceituação gramatical do que poderia compará-lo à frase ou ao ato de fala, porquanto está no plano discursivo, não se reduzindo a uma estrutura linguística nem correspondendo à intencionalidade do falante que o enuncia (FOUCAULT, 2007, p. 98).

Em síntese, o que caracteriza o enunciado não é uma proposição formulada por uma estrutura linguística como uma frase ou por um ato de linguagem, mas o que o caracteriza como enunciado é a função enunciativa.

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem e se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2007, p. 98).

Depreende-se também que o enunciado não é uma unidade, pois, mais que uma unidade longa ou breve, trata-se de uma função que se exerce verticalmente: “ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2007, p. 98).

Fica evidenciado que enunciado não se caracteriza também como unidade, mas como exercício de uma função ou como “um conjunto de signos em função enunciativa” (GREGOLIN, 2004, p. 26). Para o exercício e o desempenho dessa função, Foucault (2007) descreve quatro propriedades: o referencial, o sujeito, o domínio associado e a materialidade.

Conforme destaca Araújo (2008, p. 63), “não interessam a correção gramatical, as regras lógicas de construção e nem o autor do ato de fala. Estão em jogo o referencial, o sujeito que ocupará o lugar vazio no enunciado, algo mais amplo que o contexto de fala, e uma

materialidade”.

Assim, para Foucault (2007), o enunciado se define como uma função enunciativa, uma função de existência que é constituída através da relação do enunciado com o referencial e se caracteriza pela posição do sujeito, pelo campo associado e pelo suporte material.

Quanto ao referencial, Foucault (2007) destaca que não deve haver confusão da relação entre um enunciado e o que ele enuncia com a relação entre uma proposição e o seu referente. Isso porque a proposição é o correlato do enunciado, aquilo a que se refere que é posto em jogo, aquilo de que se fala, seu tema, que permite dizer se a proposição tem um referente ou não. No caso do enunciado, ele não tem um correlato ou uma ausência de correlato, está antes ligado a um “referencial”.

Esse referencial “não é constituído de ‘coisas’, de ‘fatos’, de ‘realidades’ ou de seres, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 2007, p.103).

Nesse sentido, o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou objetos e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; em suma, pode-se dizer também que define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido e, para a proposição, o seu valor de verdade (FOUCAULT, 2007).

No exercício da função enunciativa, o sujeito do enunciado não é o mesmo que sujeito gramatical da frase, pois o sujeito do enunciado não está dentro de um sintagma linguístico (FOUCAULT, 2007). Nesse viés, um enunciado que não comporta primeira pessoa, mesmo assim, tem um sujeito.

Para Foucault, embora, para que um enunciado exista, seja preciso assinalar um autor, esse autor também não é idêntico ao sujeito do enunciado (GREGOLIN, 2004). Assim, o sujeito do enunciado não é o mesmo que enuncia, ou seja, o autor da formulação.

Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral

de uma frase: não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma (FOUCAULT, 2007, p. 107).

Desse modo, o sujeito é um lugar vazio que pode ser ocupado por indivíduos diferentes. No entanto, esse lugar não é fixo e não se mantém uniforme, mas variável.

Nessa perspectiva, de acordo com Foucault (2007), o ato de descrever uma formulação como enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse ou quis dizer ou ainda disse sem querer, mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

Em relação à posição do sujeito, Foucault também destaca que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, em alternância, em uma série de enunciados, diferentes posições, assumindo o papel de diferentes sujeitos (GREGOLIN, 2004).

Em síntese, para a caracterização de um enunciado, é preciso considerar a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito e não a verificação do autor da formulação.

A terceira característica da função enunciativa é o domínio associado, sem o qual a função enunciativa não se exerce e uma frase ou proposição não é considerada como enunciado. Assim, para Foucault (2007, p. 110),

não basta dizer uma frase, nem mesmo basta dizê-la em uma relação determinada com um campo de objetos ou em uma relação determinada com um sujeito, [...] para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-lo com todo um campo adjacente.

uma vez que um enunciado é sempre margeado de outros enunciados.

O campo associado é, conforme Foucault (2007, p. 111),

[...] constituído, de início, pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento [...]. É constituído, também, pelo conjunto das

formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados [...]. É constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência, sua sequência natural, ou sua réplica [...]. É constituído, finalmente, pelo conjunto de formulação cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, entre as quais toma lugar sem consideração de ordem linear, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro [...]. Pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular.

Desse modo, o campo associado é constituído por uma série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento, e é também constituído pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere implicitamente ou não pelo enunciado. Essa referência implícita ou não, de acordo com Foucault, pode ser utilizada para repetir as formulações, modificá-las, adaptá-las, para se opor a elas ou para falar de cada uma delas (GREGOLIN, 2004). Também se depreende que o campo associado é constituído pelo conjunto das formulações que podem ser geradas a partir do enunciado ou que o antecederam e ainda que o campo associado é constituído pelo conjunto de formulações que compartilham do mesmo *status* do enunciado em questão.

Em suma, segundo Foucault, o enunciado se delineia em um campo enunciativo, no qual tem lugar e status que lhe propiciam relações possíveis com o passado e lhe possibilitam um futuro eventual (GREGOLIN, 2004).

Por fim, é importante destacar que não há como considerar um enunciado fora do campo de coexistência com outros enunciados, sejam estes anteriores, ulteriores ou concomitantes, pois, conforme Foucault (2007), não há enunciado livre, neutro ou independente,

mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (Idem, ibidem, p. 112).

Também para que uma sequência linguística seja considerada como enunciado e exerça a função enunciativa, é preciso não só o referencial, a posição do sujeito, o campo associado, mas, além disso, a materialidade, pois, para Foucault (2007), não seria possível falar de enunciado se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse deixado a marca em uma memória ou espaço: “um enunciado precisa ter um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2007, p. 114). Assim, a materialidade desempenha no enunciado um papel muito importante, pois, como postula Foucault (2007, p. 114), “ela é constitutiva do próprio enunciado”.

Nesse sentido, a materialidade do enunciado não é apenas um suporte para o que se enuncia, mas constitui e faz parte do enunciado. Conforme Foucault, o enunciado é caracterizado por seu status material e sua identidade é sensível a modificações que possam ocorrer nesse status, o que também depende do gênero de texto em que está inserido (GREGOLIN, 2004).

Nesse viés, segundo Foucault (2007), uma frase não constitui um mesmo enunciado se for articulada por alguém durante uma conversa ou impressa em um romance, por mais que sintática e semanticamente seja composta do mesmo modo nas duas materialidades. Assim, também o status material constitui o enunciado.

Na perspectiva da materialidade, é preciso considerar também o regime da materialidade repetível, constituindo uma repetibilidade material, a qual define as possibilidades de reinscrição e de transcrição (FOUCAULT, 2007). Esse regime de materialidade repetível permite certos tipos singulares de repetição de um mesmo enunciado⁴.

No entanto, é o campo de estabilização que permite, apesar de haver diferenças de enunciação, que esses enunciados sejam repetidos em sua identidade (FOUCAULT, 2007). Porém, esse mesmo campo pode definir um limiar a partir do qual não haja mais equivalência, sendo necessário reconhecer o aparecimento de um novo enunciado (Ibid.). Por fim, é a instituição do campo de utilização que possibilita a “constância do enunciado, a manutenção da sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações [...]” (Ibidem, p. 118).

4 É importante destacar aqui a diferença entre enunciado e enunciação. “A enunciação é um acontecimento que não se repete [...] O tempo e o lugar da enunciação, o suporte material que ela utiliza, tornam-se, então, indiferentes [...] o que se destaca é uma forma indefinidamente repetível [...] o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato da enunciação, pois ele pode ser repetido apesar de sua materialidade” (FOUCAULT, 2007, p. 115).

Em síntese, para que se exerça a função enunciativa, é preciso que haja um referencial, uma posição de sujeito, um campo associado, no qual coexistem enunciados e uma materialidade, a qual dá suporte, lugar e data para o enunciado.

Discutido o exercício da função enunciativa, é importante considerar que, nessa função, há a emergência de uma memória, visto que é na coexistência de um enunciado com outros que se instaura a memória. Conforme salientado, um enunciado é sempre margeado por outros enunciados (campo associado) (FOUCAULT, 2007) e com esses enunciados estabelecem laços de filiação, gênese e transformação. Por isso, “todo enunciado liga-se a uma memória” (GREGOLIN, 2004, p. 29).

Courtine, com base nas leituras de Foucault, da *Arqueologia do Saber*, e fundamentado no postulado segundo o qual um enunciado tem sempre margens povoadas por outros enunciados, examinando o exercício da função enunciativa do discurso político comunista, concebeu a noção de memória discursiva, por meio da qual se observa que toda e qualquer formulação nela inscrita situa-se em um campo de outras formulações, repetindo-as, transformando-as ou refutando-as (PIOVESANI, 2009), de modo que a formulação primeira produziria efeitos de memória em relação à formulação com a qual dialogava.

Ainda, de acordo com Piovesani (2009), embora inicialmente o foco de estudo de Courtine (2009) fosse o discurso político, o conceito de memória discursiva cunhado por ele não se limita aos domínios do discurso político, mas também diz respeito à memória histórica de quaisquer enunciados inserida em práticas discursivas reguladas socialmente e incide sobre os campos religioso, científico, jurídico, literário etc.

Esse conceito de memória discursiva se distingue da memorização psicológica do sujeito e se aproxima de uma existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos (COURTINE, 2009).

A memória discursiva se dá, de acordo com Courtine (2009), por um efeito de memória que estaria na relação entre interdiscurso e intradiscurso, ou seja, na relação entre a formação de uma memória no fio do discurso (o interdiscurso) e a sua formulação na atualidade (o intradiscurso).

Conforme Courtine (2009), o interdiscurso seria representado por um eixo vertical onde estariam todos os dizeres já ditos e esquecidos, que representam o dizível, e o intradiscurso estaria no eixo horizontal e seria o eixo da formulação, aquilo que está sendo dito em um dado momento.

Nesse sentido, ressalta Piovesani (2009, p. 31), a memória discursiva “trata-se da relação entre o ‘interdiscurso’ e o ‘intradiscurso’, em que se desenvolve o retorno de uma ‘formulação-origem’ na atualidade de uma conjuntura discursiva, produzindo um ‘efeito de memória’”.

Assim, a memória discursiva trata ainda da articulação de diferentes temporalidades, pois, enquanto os objetos de saber presentes no enunciado de uma formação discursiva existem no tempo longo de uma memória, as formulações inscrevem-se no tempo curto da atualidade de uma enunciação (COURTINE, 2009).

Discutidas as noções do exercício da função enunciativa que caracteriza o enunciado, tais como referencial, sujeito, campo associado e materialidade, assim como a noção de memória discursiva, as quais sustentam o gesto de leitura deste artigo, passamos para a leitura e descrição dos enunciados.

A produção da ideia de letramento nos é dada pelos enunciados: um gesto de leitura e descrição

Os enunciados que compõem a série enunciativa analisada fazem parte de um *corpus* de pesquisa gerado em 2009 no município de São Josafat, município do interior, localizado no centro-sul do Paraná. Para esse estudo, foram recortados enunciados de entrevistas e de interação em sala de aula de uma escola pública pesquisada.

O gesto de leitura e descrição da ideia de letramento produzido parte do enunciado a seguir:

Hoje em dia é mais fácil de ter letramento, as pessoas têm mais acesso a escola (.)⁵ acho que todo mundo (.) até mesmo a faculdade (.) Antes não, escola era até certo ponto, depois só para alguns, poucos tinham formação (EXCERTO DE UM ENUNCIADO DE ENTREVISTA COM VÂNIA, 21/04/2009).

5 As normas para as transcrições das entrevistas foram adaptadas das convenções de transcrição da Análise da Conversa Etnometodológica (LODER, 2008). Sendo assim, as convenções indicam: “(.)” tempo de silêncio intraturno menor que dois décimos de segundo e “,” elocução com sinal de continuidade.

O referencial desse enunciado é o letramento, o qual é associado à escolarização e à titulação acadêmica. Isso se evidencia no plano linguístico quando há uma relação da obtenção de letramento com acesso à escola e à universidade: “é mais fácil **ter letramento**, as pessoas **têm mais acesso** a escola [...] até mesmo a faculdade”. No entanto, não é uma relação de letramento e escolarização, no sentido de obtenção de habilidades de leitura e escrita (SOARES, 2004), mas de letramento como titulação acadêmica, o que se evidencia também no plano linguístico: “hoje em dia é mais fácil de **ter letramento** [...] as pessoas têm **mais acesso** até mesmo **faculdade** [...] **antes não** [...] poucos tinham **formação**”. Assim, é posto em jogo, nesse enunciado, seu referencial (FOUCAULT, 2007), o acesso ao letramento via escolarização e a titulação acadêmica pela universidade.

O sujeito que enuncia fala de uma posição que reconhece o termo “letramento”, termo do campo do saber científico. Assim, a posição-sujeito desse enunciado só poderia ser ocupada por alguém que tem perpassado em seu discurso um saber científico. Ainda a posição-sujeito desse enunciado é de alguém que associa letramento à escolarização e à formação acadêmica e que vivenciou um período em que poucas pessoas tinham acesso ao letramento via escolarização e titulação acadêmica: “**Antes não**, escola era até certo ponto, depois só para alguns, **poucos tinham formação**”.

Esse enunciado é constituído também por outras formulações a que o enunciado se refere, de um campo associado (FOUCAULT, 2007). Nesse caso, o enunciado traz à tona a memória de um já dito (FOUCAULT, 2007), de uma memória discursiva (COURTINE, 2009), de uma memória construída socialmente, pois, no plano linguístico, é evocado um saber partilhado de que há outros discursos já ditos com o mesmo referencial. Isso pode ser identificado no plano linguístico quando há alusão à expressão “hoje em dia”: “**Hoje em dia** é mais fácil de **ter letramento**, as pessoas têm mais **acesso** a **escola** [...] **faculdade**”.

Ainda no campo associado, esse enunciado coexiste com outros enunciados, com uma memória discursiva de um já dito, mas esquecido do campo do saber científico, enunciados que reforçam que o letramento pode ser obtido via escolarização e que reconhecem e discursivizam sobre o letramento via titulação acadêmica.

No entanto, no campo associado, não são somente os enunciados anteriores que são evocados na memória, ou os enunciados coexistentes em outros campos de saberes, mas também enunciados coexistentes que compartilham do mesmo status do enunciado em questão. Partindo da evidência da associação de letramento via escolarização e titulação acadêmica, o que se evidencia no plano linguístico (“ter letramento”, “acesso a escola”, “faculdade” e “formação”), outros enunciados coexistem e compartilham do mesmo status, constituindo mais enunciados e produzindo a noção de letramento no campo discursivo.

O enunciado que segue, diferentemente do anterior, tem sua materialidade em uma interação em sala de aula:

Vocês têm que estudar, estudar para serem pessoas letradas, pessoas com uma formação (.) com uma profissão melhor. Mas, para isso precisam chegar numa faculdade e para chegar numa faculdade tem que começar desde agora (.) desde agora (.) Só que do jeito que está (.) do jeito que está indo a turma [...]. (EXCERTO DO ENUNCIADO DE UMA PROFESSORA NA AULA DE UMA 5.^a SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL, 14/04/2009)

Nesse enunciado, o referencial também é o letramento, o letramento via escolarização e relacionado a uma titulação acadêmica. Isso se evidencia no plano linguístico: “**estudar para serem** pessoas **letradas** [...] **chegar** numa **faculdade**”; ou seja, para ser uma pessoa letrada, é preciso estudar e cursar uma universidade. Essa associação de letramento, escolarização e titulação acadêmica fica mais evidente em: “estudar para serem **pessoas letradas**, pessoas **com uma formação** (.) com uma profissão melhor. Mas, **para isso** precisam chegar numa faculdade”, isto é, para serem pessoas letradas, com uma formação, é preciso cursar uma universidade. Nesse caso, fica delimitado, no referencial, que estudo, escolarização, universidade e formação acadêmica são constituintes da produção do referencial de letramento.

Ainda nesse enunciado, é possível depreender que há uma remissão desse referencial de letramento a uma melhoria de vida, ou seja, esse letramento via escolarização e titulação acadêmica é algo que permite melhorar uma condição, o que se evidencia no enunciado: “estudar para serem **pessoas letradas**, pessoas **com uma formação** (.) com uma **profissão melhor**”. O advérbio de intensidade “melhor”, relacionado à profissão, possibilita também delimitar que o referencial,

além de ser letramento via escolarização e formação acadêmica, é uma melhoria, neste caso, profissional.

A posição-sujeito do enunciado é de alguém que fala de um lugar que reconhece os termos “letramento” e “letrado” do campo do saber científico. Esse sujeito tem perpassado em sua memória outros enunciados que referenciam os termos “letramento” e “letrado” do campo do saber científico, pois, além de produzir um efeito de memória de um saber científico do termo letrado, evoca uma memória social coletiva que reconhece o letramento como titulação acadêmica (BOURDIEU, 2003). O termo é também referenciado como uma possibilidade de melhoria, ou seja, letramento como ascensão social, também advindo de uma memória coletiva socialmente produzida que caracteriza o chamado mito de letramento (SIGNORINI, 1994).

Ainda a posição-sujeito desse enunciado é de alguém que é legitimado a prescrever para os outros que esse letramento, como noção produzida nos enunciados descritos neste gesto de leitura, deve ser obtido e instrui como pode ser obtido: “Vocês **têm que estudar**, estudar **para serem** pessoas **letradas**, pessoas com uma **formação** (.) com uma profissão melhor. Mas, para isso **precisam chegar** numa **faculdade** e para chegar numa faculdade **tem que** começar desde agora (.) desde agora (.) [...]”. Assim, a posição-sujeito desse enunciado não pode ser ocupada por qualquer sujeito, mas por um sujeito que tenha legitimidade para falar do campo do saber científico.

Em suma, o letramento produzido nesse enunciado, por meio da posição do sujeito e da memória discursiva evocada, é de letramento também como titulação acadêmica via escolarização e, ainda, de um letramento capaz de modificar o *status quo* do indivíduo, o que corrobora o primeiro enunciado descrito em nosso gesto de leitura. Passamos na sequência para a descrição de enunciados que, embora não tragam em seu referencial uma delimitação do letramento enquanto termo “letramento” em seu sentido etimológico, comungam do mesmo *status*.

No enunciado a seguir, embora não seja referenciado o termo letramento do campo do saber científico, podemos identificar “o campo de delimitação de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 2007, p. 103).

Tinha um menino lá (.) não foi aqui no colégio, lá no seminário, eu trabalhava lá (.) ele era lá de Pinheirinho, bem interiorzão né (.) o pai dele era alcoólatra (.) daí ele veio para o seminário (.) um menino assim bastante tímido (.) nossa mas ele era muito esforçado, super inteligente, nossa como ele progrediu, sabe como (.) a gente vê assim a progressão dele mesmo (.) daí como o objetivo era ser padre ele não quis dar continuidade nos estudos, fez vestibular, passou no vestibular (.) trabalhou sete anos no pedágio (.) então ele desenvolveu, ele hoje trabalha no Ciretran aqui em São Josafat (.) a gente vê que lá do interiorzão sabe (.) daí ele trouxe a mãe para cá, os irmãos (.) hoje ele tem casa, tem uma vida bem mais tranquila (.) se ele continuasse no interior (.) ou só terminasse o segundo grau aqui e voltasse, ele estaria lá trabalhando na lavoura (EXCERTO DE ENTREVISTA REALIZADA COM MÁRCIA, 19/04/2009).

Nesse sentido, o referencial é o estudo via titulação acadêmica para ascensão social, o que pode ser descrito por meio da sequência de enunciados: “fez o vestibular, **passou no vestibular**”, “trabalhou sete anos no pedágio (.) então **ele desenvolveu**, ele **hoje trabalha no Ciretran** aqui em São Josafat”, ou seja, fazer e passar no vestibular possibilitou uma formação acadêmica, um desenvolvimento que culminou em um trabalho valorizado no município; que, se não fosse a formação acadêmica, o indivíduo poderia permanecer na mesma condição: “**se** ele **continuasse no interior** (.) ou **só terminasse o segundo grau** aqui e voltasse, ele **estaria** trabalhando **na lavoura**”. Essa mudança de condição via escolarização e formação acadêmica possibilitou ascensão: “**hoje** ele **tem casa**, tem uma **vida** bem mais **tranquila**”. Assim, o referencial desse enunciado é a escolarização e a formação acadêmica para ascensão social, o que corrobora os enunciados anteriores, no que tange à produção da ideia de letramento como escolarização, titulação acadêmica e ascensão social.

A posição-sujeito desse enunciado é de alguém que, ao falar desse referencial, pode buscar o sentido de suas palavras em outros saberes e em determinados enunciados já ditos, mas esquecidos. Primeiramente, esse sujeito evoca uma memória discursiva que não está dita, mas pode ser depreendida no interdiscurso, em um já dito. Essa memória evocada é a de que, por muito tempo, esteve presente, no discurso da comunidade, que as pessoas mais pobres e, principalmente, do interior, para terem acesso à escolarização, recorriam aos seminários: “lá no seminário, eu trabalhava lá (.) **ele era** lá de Pinheirinho, **bem interiorzão** né (.) o pai dele era alcoólatra

(.) daí ele **veio** para o **seminário** (.) um menino assim bastante tímido (.)”. Nesse mesmo enunciado, embora não dito, pode ser depreendida também a existência de enunciados coexistentes que, além de relacionarem o seminário como meio para o acesso à escolarização e, por consequência, ao letramento, considerando a ideia de letramento produzida nos enunciados anteriores, trazem à memória enunciados que referenciavam que muitos dos jovens que não tinham objetivo de seguir o celibato acabavam prosseguindo os estudos em outras áreas de atuação: “daí como **o objetivo** era **ser padre** ele **não quis** dar continuidade nos estudos, **fez vestibular**, passou no vestibular (.) trabalhou sete anos no pedágio”. Embora não esteja dito no discurso, intradiscurso, esse é o efeito de memória produzido no interdiscurso.

Além da memória produzida, a posição-sujeito desse enunciado mostra que ele fala a partir de diferentes campos do saber: o saber científico, quando traz à tona enunciados que retomam uma memória coletiva de escolarização, titulação acadêmica e uma memória coletiva construída de escolarização e letramento como ascensão social; e o do campo religioso, pelos enunciados coexistentes em uma memória social, já ditos, presentes no interdiscurso, no que tange à relação dos seminários com a escolarização e o letramento.

Esse enunciado, além de corroborar os enunciados anteriores na produção da ideia de letramento como escolarização, titulação acadêmica e ascensão social, evoca, por meio de uma memória discursiva e da posição-sujeito, o campo do saber religioso. Desse modo, além do saber científico, o saber religioso perpassa a produção da ideia de letramento, o que também será enfatizado no gesto de leitura e descrição do enunciado a seguir.

Eu não estudei porque não queria ser padre, de primeiro a gente achava que porque tinha que ir para o seminário estudar era só para ser padre (.) mais meu pai não explicava isso pra gente (.) não explicava que podia estudar para outra coisa (EXCERTO DE ENUNCIADO DE ENTREVISTA COM PAULO, 07/05/2009).

Nesse enunciado, inscrito no mesmo tipo de materialidade do anterior, a posição-sujeito é de alguém que não tem escolarização e, por consequência, não teve acesso ao letramento, tal como esse é produzido nos enunciados anteriores, como pode se observar no plano linguístico: “Eu **não estudei** porque **não queria ser padre**, de primeiro

a gente achava que porque tinha que ir para o seminário estudar era só para ser padre". Além de a posição-sujeito ser de alguém que não estudou, não teve uma formação acadêmica, é também de alguém que não queria seguir o celibato. Nesse enunciado, a posição-sujeito busca o sentido de suas palavras em outros saberes, no campo religioso.

Esse enunciado evoca também uma memória discursiva coletiva, apontando para a existência de enunciados que comungavam do status de que se estudava por meio do seminário e, para seguir o celibato, **"de primeiro a gente achava** que porque **tinha que ir** para o **seminário** era **só** para **ser padre**", pois em "de primeiro a gente achava", há uma retomada de uma memória construída socialmente.

Além disso, esse enunciado e a memória discursiva evocada por ele corroboram o enunciado anterior, no sentido de que está presente em seu discurso a ideia de que as pessoas tinham acesso à escolarização e ao letramento⁶ por meio do seminário e que algumas pessoas que não pretendiam seguir o celibato davam continuidade aos estudos com outros objetivos. Isso se evidencia em: "de primeiro **a gente achava** que porque tinha que **ir para o seminário** estudar **era só** para **ser padre**". Esse enunciado "era só" abre espaço para um não dito no intradiscurso, mas já dito e para a coexistência de outros discursos que diziam que não era apenas para seguir o celibato que as pessoas iam para o seminário, o que pode ser descrito também em: "mais meu pai **não explicava isso** pra gente (.) não explicava que **podia estudar para outra coisa**". Aqui é evocada a coexistência de enunciados que mostravam a possibilidade de ir para o seminário para ter outra formação que não o celibato. Em síntese, esse enunciado faz alusão a uma memória discursiva, outros enunciados não ditos no intradiscurso, mas presentes no interdiscurso.

Considerações finais

Neste gesto de leitura, evidenciamos, por meio da descrição da função enunciativa exercida pelo referencial, da posição do sujeito, da materialidade e do campo associado (FOUCAULT, 2007), bem como da noção de memória discursiva (COURTINE, 2009), a ideia de letramento

⁶ Esse letramento é concebido, conforme a ideia produzida nos enunciados descritos e não corresponde pontualmente a uma definição científica filiada a alguma opção teórica sobre os estudos de letramento.

produzida nos enunciados, a qual corresponde ao letramento como titulação acadêmica, associado à escolarização e à ascensão social.

Os enunciados descritos evocam uma memória discursiva na qual tanto letramento como escolarização e titulação acadêmica coexistem em outros enunciados anteriores; assim, há a retomada de uma memória construída socialmente.

Essa produção de letramento nos enunciados é perpassada por diferentes saberes, o saber científico e o saber do campo religioso, pois a posição-sujeito desses enunciados evoca saberes de enunciados já ditos, tanto do campo religioso como do campo científico para a produção da ideia de letramento.

Ainda esses enunciados remetem a uma memória discursiva, na qual a ideia de letramento produzida nesses enunciados (letramento como titulação acadêmica, associado à escolarização e à ascensão social) e o campo religioso estavam entrelaçados.

A ideia de letramento produzida nesses enunciados não corrobora os conceitos de letramento, por exemplo, como habilidade ou condição de fazer uso da leitura e da escrita (SOARES, 2000) ou, ainda, como prática social de leitura e de escrita (KLEIMAN, 1995; STREET, 2000). O letramento é entendido como titulação acadêmica e capital simbólico da maioria das sociedades (BOURDIEU, 2003) e também como o mito de letramento, letramento para ascensão social (SIGNORINI, 1994).

No entanto, para ampliar e articular melhor essa questão, seria interessante relacionar a descrição da produção da ideia de letramento nessa comunidade com enunciados de outros campos, como o da mídia e o científico, para mostrar em que se aproximam e em que se diferenciam, em relação à produção da ideia de letramento.

Referências

ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2007.

GREGOLIN, M. R. V. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V. ; NAVARRO-BARBOSA, P. (orgs.) **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 23-44.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: Convenções e debates. In: LODER, L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Porto Alegre: Mercado de Letras, 2008. p. 126-161.

MARINHO, M. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARILDES, M; CARVALHO, G. T. (Orgs). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 68-100.

PIOVEZANI, Carlos. Foucault com Courtine: corpo e discurso. In: GOMES, Daniel de Oliveira; SOUZA, Pedro de (Orgs). **Foucault com outros nomes**: Lugares de enunciação. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. p. 27-46.

ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SEMECHECHEM, J. A .**Letramento e identidades sociais em um município multilíngue no Paraná**. 2010, 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

SIGNORINI, I. A letra dá a vida, mas também pode matá: os sem leitura diante da escrita. **Leitura**: Teoria & Prática. Campinas/SP: Mercado Aberto, 24, 1994. p. 20-27.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STREET, B. Os novos estudos sobre letramento: histórico e perspectivas. In: MARILDES, M; CARVALHO, G. T. (Orgs). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

Recebido em 16 de junho de 2013.
Aceito em 13 de outubro de 2013.